



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL – CPAN
CURSO DE GEOGRAFIA**

SAUL DE CARVALHO HURTADO

**FEIRAS LIVRES DE CORUMBÁ – MS:
ESPAÇOS DE INTEGRAÇÃO E FRONTEIRAS**

Corumbá, MS

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL – CPAN
CURSO DE GEOGRAFIA

SAUL DE CARVALHO HURTADO

FEIRAS LIVRES DE CORUMBÁ – MS:
ESPAÇOS DE INTEGRAÇÃO E FRONTEIRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia do Campus do Pantanal, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de graduação.

Orientador: Maria Cristina Lanza de Barros

Corumbá, MS

2025

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar as **feiras livres de Corumbá – MS** como espaços de integração sociocultural e econômica na região de fronteira entre o Brasil e a Bolívia. A pesquisa objetiva a compreensão como esses ambientes de comércio popular refletem as dinâmicas de convivência e de trocas entre brasileiros e bolivianos, expressando identidades e práticas cotidianas próprias das zonas fronteiriças. A análise fundamenta-se em obras que discutem as relações e os processos de adaptação e pertencimento da comunidade boliviana em território brasileiro. Por meio de revisão bibliográfica e observação de campo, conduzidos por meio de entrevistas e diálogos participativos, o estudo evidencia que as feiras livres constituem-se como **espaços de integração, resistência cultural, fortalecimento das relações e fronteiras**, revelando a complexidade social e a relevância desses territórios para a compreensão das dinâmicas regionais.

Palavras-chave: Feiras livres; espaço de integração; Fronteira.

ABSTRACT

The present Undergraduate Thesis aims to analyze the street markets of Corumbá, MS, as spaces of sociocultural and economic integration in the border region between Brazil and Bolivia. The research seeks to understand how these popular commercial environments reflect the dynamics of coexistence and exchange between Brazilians and Bolivians, expressing identities and everyday practices characteristic of border zones. The analysis is grounded in works that discuss the relationships, adaptation processes, and sense of belonging of the Bolivian community in Brazilian territory. Through bibliographic review and field observation, conducted by means of interviews and participatory dialogues, the study shows that street markets constitute spaces of integration, cultural resistance, and the strengthening of social relations and borders, revealing the social complexity and relevance of these territories for understanding regional dynamics.

Keywords: Street markets; integration space; border

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
1.1 AS FEIRAS LIVRES.....	09
1.2 A INVESTIGAÇÃO.....	10
2. AS FEIRAS LIVRES: FUNCIONAMENTO E FRONTEIRAS.....	12
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

SUMÁRIO DE FIGURAS

FIGURA 1 – Localização de Corumbá - MS.....	07
FIGURA 2 - Feira do Bairro Cristo Redentor.....	14
FIGURA 3 - Feira do Bairro Popular Velha (Fernandinho).....	15
FIGURA 4 – Feira do Bairro Popular Nova.....	16
FIGURA 5 - Feira do Bairro Dom Bosco.....	17
FIGURA 6 - Feira do Bairro Universitário.....	18
FIGURA 7 – Feira da Explanada da NOB – Centro.....	20
FIGURA 8 – Feira da Nova Corumbá.....	21
FIGURA 9 - Feira de Domingo – Centro.....	22
FIGURA 10 - Feira de Domingo – Centro - Vista de Fora da mesma.....	23
FIGURA 11 - Feira de Sábado Noturna – Bairro Maria Leite.....	24

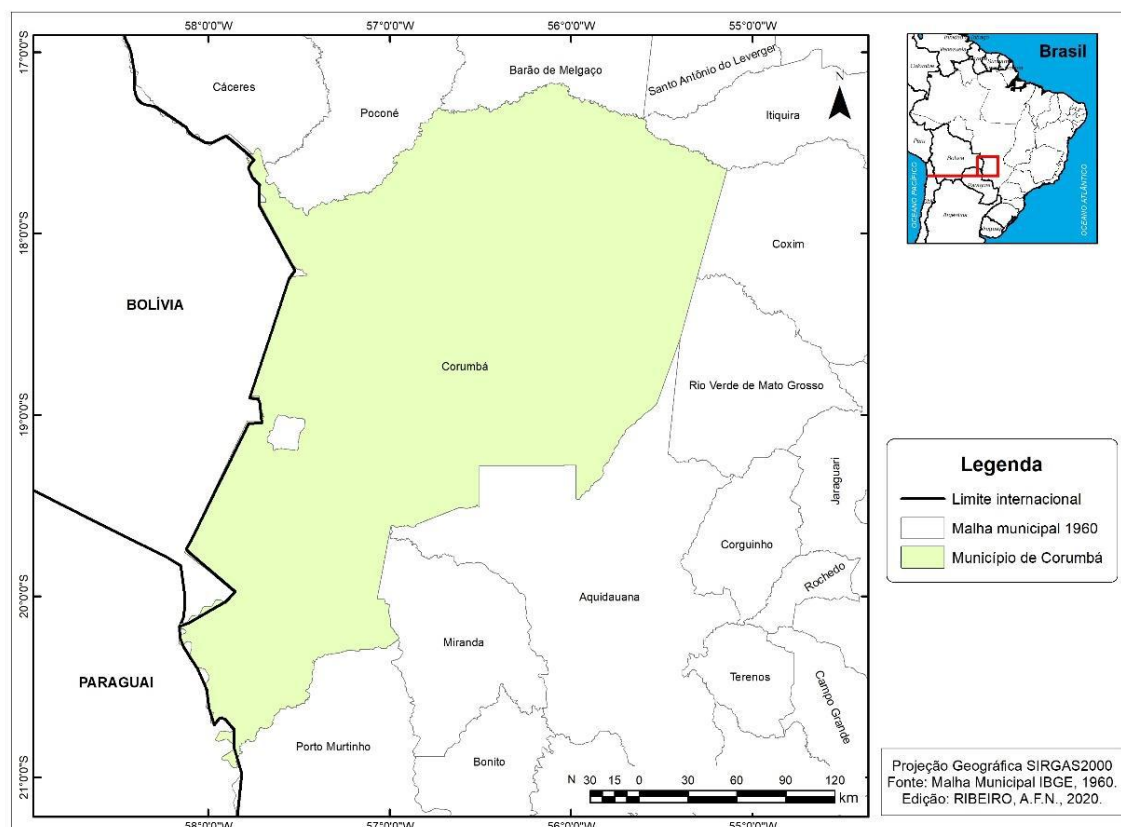
1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trás para discussão situação de fronteira que está exposta na cidade de Corumbá-MS, que são as feiras livres. Cenário de trabalho, disputas e fronteiras no qual passaremos a explorar nesta pesquisa que aqui se apresenta.

A fronteira, que além de significar um limite que separa dois Estados-Nação, revela lugar de moradia e de existência de seus habitantes, um lugar de demarcação de diferenças e conflitos, e traz à tona distintas relações onde prevalecem intercâmbios sociais, culturais, políticos e econômicos, tal qual aponta Raffestin (1993). Tal convivência, por sua vez, proporciona a constante construção de identidades. A fronteira é moradia de desigualdades, é arcabouço de complexidade, abrigo de limite, delineadora de espaço de poder entre os Estados territoriais. Ela abriga o limite, mas dele se diferencia pela expansividade socioeconômico-cultural (AMARAL, 2013, p.10).

Para melhor visualização deste local limítrofe, apresenta-se a seguir mapa com a localização deste lugar de fronteira Brasil e Bolívia, figura 1.

Figura 1 – Localização de Corumbá-MS.



Fonte: Malha Municipal, IBGE, 1960.

O município de Corumbá fica localizado na latitude -19.0033 e longitude -57.39.12 e faz parte do estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, com tamanho do Território de Corumbá, com um total de 64431,145 km², Corumbá de extensão territorial. População de Corumbá, de acordo com dados do IBGE, Corumbá possui aproximadamente 96.268 habitantes.(IBGE, 2025, online)

A cidade se localiza em faixa de fronteira com a Bolívia, onde se encontra a cidade Puerto Quijarro, na latitude 17°46'60" e longitude S 57°46' 0, com população de 17,974, com Território de 1,441 km², conforme figura 2.

A reflexão proposta transformam a fronteira em um território de múltiplas interações sociais, culturais e econômicas. A feira, enquanto espaço de sociabilidade e trabalho, torna-se um exemplo concreto dessa complexidade fronteiriça, onde se entrelaçam diferenças, desigualdades e estratégias de sobrevivência. Assim, a fronteira deixa de representar apenas um marco político-administrativo e passa a ser entendida como um ambiente vivo, em constante movimento, no qual identidades são (re)construídas a partir do contato e das experiências compartilhadas entre povos e culturas distintas por Raffestin (1993) e Amaral (2013) permite compreender a fronteira não apenas como um limite geográfico que separa Estados-Nação, mas como um espaço dinâmico de convivência, trocas e construção identitária. No contexto deste estudo, essa concepção se materializa nas práticas cotidianas dos feirantes bolivianos, que transformam a fronteira em um território de múltiplas interações sociais, culturais e econômicas. A feira, enquanto espaço de sociabilidade e trabalho, torna-se um exemplo concreto dessa complexidade fronteiriça, onde se entrelaçam diferenças, desigualdades e estratégias de sobrevivência. Assim, a fronteira deixa de representar apenas um marco político-administrativo e passa a ser entendida como um ambiente vivo, em constante movimento, no qual identidades são (re)construídas a partir do contato e das experiências compartilhadas entre povos e culturas distintas.

Assim, este movimento carregado de tensões produz variadas fronteiras, que extrapolam os limites territoriais. As várias dimensões desse fluxo migratório dos bolivianos podem ser compreendidas a partir da noção de fronteira em movimento, entendendo esta como frente de expansão, lugar de afirmação das identidades nacionais e, ao mesmo tempo, espaço de complexidade cultural e de identidades híbridas e ambíguas (ALBUQUERQUE, 2008).

Deste modo, para Machado (2000, p. 10), a fronteira, historicamente, tem sido objeto permanente de preocupação dos Estados, no sentido de controle e vínculo,

Tampouco é surpreendente que um dos objetivos do sistema histórico de Estados nacionais, em vigência por quase dois séculos, foi o de estimular a coincidência entre limite e fronteira, disso resultando uma convergência conceitual, a ponto de serem consideradas na literatura como sinônimos.

As feiras livres são espaços tradicionais de sociabilidade e trocas econômicas que revelam aspectos fundamentais da cultura e da organização social de uma comunidade. Em Corumbá – MS, cidade localizada na fronteira com a Bolívia, esses ambientes assumem um papel ainda mais expressivo, pois ampliam o simples ato de comercializar produtos e se transformam em territórios de integração e convivência fronteiriça. Neles, o encontro entre brasileiros e bolivianos expressa a diversidade cultural, linguística e simbólica que caracteriza a região.

Se de um lado o limite restringe a mobilidade dos povos por meio das normas jurídicas, por outro, a fronteira implica necessariamente na integração, interação e diálogo, tornando o movimento essencial. Isso quer dizer que a rigidez e o controle do limite são opostos às possibilidades de movimento entre territórios admitido pelas fronteiras. Neste sentido, Arellano (2012) compreende a fronteira como uma zona de transição e integração, um território complexo e compartilhado por dois ou mais Estados. (Arellano. 2012, p. 4).

Na mesma linha, Sousa (2014) conceitua a fronteira, levando em conta sua emergência de integrar, e é onde este estudo propõem-se a debruçar. Portanto, como dito anteriormente, “a fronteira é o lugar próprio das trocas, das interações, das mobilidades culturais. Vincula-se à ideia de limite, mas ao mesmo tempo agrega as diferenças que separa, ou intenta separar” (SOUSA, 2014, p. 478).

1.1 - AS FEIRAS LIVRES

As feiras livres em Corumbá, Mato Grosso do Sul, têm papel relevante não apenas como espaços de comércio, mas como territórios de encontro e integração social, cultural e econômica, especialmente na fronteira Brasil–Bolívia. Nessas feiras, circulam mercadorias, pessoas, saberes, línguas, identidades e modos de vida. Tais espaços convivem com tensões legais, pressões institucionais, disputas por reconhecimento e da capacidade de regular a participação dos migrantes bolivianos, por exemplo. A pesquisa realizada até então, indica que feirantes bolivianos participam das feiras há décadas, embora sua atuação nem sempre seja oficialmente reconhecida.

A proximidade geográfica e a intensa circulação de pessoas, mercadorias e costumes fazem das feiras livres um espaço privilegiado para observar as relações transnacionais e os processos de identidade e pertencimento. Nesse contexto, a obra “*Os bolivianos do lado de cá*”, baseada no livro de Maria Cristina Lanza de Barros, oferece um referencial teórico importante, ao abordar as experiências, desafios e formas de adaptação dos migrantes bolivianos que vivem e trabalham em território brasileiro, especialmente em Corumbá. Como afirma Costa (2012, p. 18), “[...] se tornaram fronteiriços de seus próprios patrícios e embora exista uma proximidade geográfica, a cultura dos bolivianos foi modificada substancialmente, tornando-se híbrida, fronteiriça”.

1.2 – A INVESTIGAÇÃO

O trabalho de pesquisa que orienta este estudo consiste em compreender de que maneira as feiras livres de Corumbá – MS se configuram como espaços de integração social e econômica na fronteira Brasil–Bolívia.

O objetivo deste estudo é analisar as feiras livres de Corumbá-MS como espaços de integração social e econômica entre brasileiros e migrantes bolivianos, considerando as dinâmicas próprias de uma região de fronteira, os desafios da informalidade e as práticas identitárias que emergem desses encontros. Para isso, busca-se investigar a participação dos feirantes bolivianos, compreendendo suas estratégias de inserção e manutenção econômica; analisar as trocas socioeconômicas e identitárias que se desenvolvem no ambiente das feiras, evidenciando processos de integração e resistência; e avaliar o impacto econômico que esses espaços exercem tanto para a cidade de Corumbá quanto para os migrantes bolivianos envolvidos.

A análise consiste em compreender as formas de organização dos feirantes bolivianos, seus comportamentos e as principais dificuldades enfrentadas no processo de aquisição de mercadorias e para o exercício de suas atividades comerciais. Contudo, a obtenção dessas informações mostrou-se um processo desafiador, uma vez que muitos dos entrevistados demonstraram receio, acreditando tratar-se de uma coleta de dados destinada à fiscalização.

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem mista, combinando métodos qualitativos e quantitativos para compreender as dinâmicas das feiras livres de Corumbá-MS como espaços de integração social e econômica, especialmente na presença dos

migrantes bolivianos. À luz das ideias de Bortoni-Ricardo (2008, p. 58) “[...] a pesquisa qualitativa reconhece que o olho do observador já é uma espécie de filtro no processo de interpretação da realidade com a qual se defronta. Este filtro está associado à própria bagagem cultural dos pesquisadores.”

Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, por buscar soluções e recomendações para a gestão e integração social das feiras. Em termos de objetivos, é uma pesquisa exploratória e descritiva, visto que visa mapear, descrever e analisar as práticas e percepções dos envolvidos nas feiras, e também compreender os fenômenos sociais e econômicos presentes. Quanto ao problema, o estudo investiga as tensões e as práticas identitárias na fronteira Brasil–Bolívia, considerando a informalidade econômica e as relações interculturais.

Segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória tem o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema, visando torná-lo mais explícito, enquanto a descritiva procura descrever características de determinado fenômeno.

A pesquisa será realizada em feiras livres localizadas em diferentes pontos de Corumbá-MS, selecionadas por sua representatividade e diversidade de participação de feirantes brasileiros e bolivianos.

Visitas de campo para registro sistemático do funcionamento das feiras, observação participante, comportamento dos feirantes e consumidores, infraestrutura e organização dos espaços. Dialogo com feirantes, através da oralidade, contando suas histórias de vida, como chegaram, porque ficou, a história vivenciada ao longo dos anos.

Nos estudos de migração, a história oral tem se constituído em um valioso instrumento de pesquisa. Trata-se de uma maneira de registrar a experiência e o conhecimento dos participantes diante do fato narrado. Enquanto os estudos de caráter macroestrutural concentram esforços nas políticas migratórias, no mercado de trabalho e nos meios de locomoção, a história oral põe em evidência as trajetórias dos migrantes, a partir de suas próprias narrativas (JESUS, 2020, p. 25).

A revisão bibliográfica e documental, visando à fundamentação teórica e contextual, realização das observações participantes em dias variados e horários diferentes para captar a diversidade das feiras.

Os dados qualitativos oriundos das entrevistas e observações serão submetidos à análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), que permite a identificação de categorias temáticas relevantes relacionadas à integração social, identidades culturais, informalidade e regulação dos espaços fronteiriços. A análise

buscará compreender as narrativas dos feirantes e consumidores, destacando os aspectos de convivência, resistência e adaptação cultural. (BARDIN, 2011, p. 37).

Os dados quantitativos obtidos por meio dos questionários que serão tratados estatisticamente, com aplicação de técnicas descritivas (frequências, médias e distribuições) para apresentar o perfil dos participantes, identificar padrões de participação e buscar a integração que existe entre o feirante boliviano e a informalidade.

A integração dos resultados qualitativos e quantitativos permitirá uma visão ampla e aprofundada das dinâmicas sociais e econômicas presentes nas feiras livres de Corumbá, facilitando o alcance dos objetivos propostos.

Sendo assim, através de diálogos com os feirantes bolivianos, e suas histórias vivenciadas, em entrevistas que descrevem suas diferentes participações neste contexto. Tendo como narrativa alguns comerciantes que deram início na feira Brasbol que Havia anteriormente em outro local na cidade de Corumbá, MS, conhecida como “**Feirinha**”, contando desde sua chegada como “**pelau**”, quando ainda era jovem.

Todo material obtido e colhido através de anotações e relatos mesmo de suas histórias que pude anotar e fotos que contribuem para apresentar de que forma se organizam os feirantes, buscando transcrever de uma forma mais organizada e detalhada, contribuindo para um melhor entendimento dos fatos acontecidos. Não se trata de uma reescrita literal, mas uma criação a partir dela, uma síntese com correções de erros gramaticais que garantem a coerência do texto. Trata-se de um “ato de recriação para comunicar melhor o sentido e a intenção do que foi registrado.” (MEIHY; HOLANDA, 2018, p. 86).

2 AS FEIRAS LIVRES: FUNCIONAMENTO E FRONTEIRAS

No que se refere à travessia de mercadorias, observa-se que os produtos comercializados, em sua maioria, são trazidos da Bolívia e passam por processos burocráticos e fiscais nas aduanas. Os feirantes relataram que enfrentam dificuldades com a cobrança de taxas alfandegárias e de transporte, o que eleva os custos de aquisição e reduz a margem de lucro. Além disso, há o constante receio de apreensão de mercadorias durante a travessia da fronteira, especialmente quando o transporte é realizado de maneira informal, devido à ausência de documentação ou à impossibilidade de arcar com todas as exigências fiscais.

Ao chegar à cidade, a montagem das barracas representa outra fronteira prática e simbólica. Embora exista um regulamento municipal que define a distribuição dos espaços e a cobrança de taxas pelo uso do solo, a realidade observada demonstra desigualdades na ocupação e no acesso aos melhores pontos de venda. Feirantes com maior poder aquisitivo ou com mais tempo de atuação acabam por ocupar áreas mais amplas e privilegiadas, enquanto os demais enfrentam restrições espaciais que limitam sua visibilidade e potencial de vendas.

Durante o diálogo com uma feirante de nacionalidade boliviana — identificada pela sigla C.A., a fim de preservar sua identidade —, foi possível conhecer aspectos de sua trajetória pessoal e profissional. A entrevistada relatou residir no local há aproximadamente vinte e cinco anos, período em que construiu sua história de vida. Contou que se casou com um cidadão de origem sírio-libanesa, o qual faleceu há cerca de cinco anos.

Segundo C.A., o falecimento do esposo foi um dos motivos que a levou a trabalhar na feira, como forma de complementar a renda familiar. A feirante é mãe de três filhos que estudam no Brasil, o que reforça a necessidade de ampliar seus rendimentos, uma vez que também exerce atividades laborais na Bolívia. Ressaltou ainda que, possui 3 anos de experiência atuando como comerciante na feira, demonstrando dedicação e esforço para garantir o sustento da família.

Em relação às dificuldades encontradas na aquisição de mercadorias e produtos para sua barraca, a entrevistada relatou enfrentar alguns obstáculos. Mencionou que é necessário efetuar o pagamento de taxas nas aduanas, além da taxa referente ao “**uso del suelo**” — termo que significa “uso do solo” —, cobrada pela prefeitura como parte do processo de obtenção do alvará de funcionamento.

A feirante explicou, ainda, que em determinadas ocasiões adquire seus produtos na cidade de São Paulo. Contudo, observou que o transporte e a reposição das mercadorias podem demorar, o que compromete o abastecimento da barraca. Destacou também que não considera vantajoso trabalhar em todos os dias de feira, uma vez que o movimento costuma ser reduzido durante os dias úteis da semana.

Figura 2 - Feira do Bairro Cristo Redentor



Fonte: Trabalho de campo Agosto de 2025. Autor: Saul de Carvalho Hurtado

A feirante entrevistada, conforme figura 3, falou que além de frequentar a feira de segunda, no bairro Cristo Redentor frequenta também, os dias de sábado, que seria do “fernandinho”, que acontece no bairro Popular Velha, e disse que esse seria um dos melhores dias, além de domingo, conforme figura 3.

Figura 3 - Feira do Bairro Popular Velha (Fernandinho)



Fonte: Trabalho de campo Setembro de 2025. Autor: Saul de Carvalho Hurtado

Outra feira que também ganha destaque no comércio de rua em Corumbá é a feira do Bairro Popular Nova, ultimamente vem crescendo bastante em sua extensão e número de barracas, acontece todas as terças-feiras, conforme figura 4.

Figura 4. Feira do Bairro Popular Nova



Fonte: Trabalho de campo Setembro de 2025. Autor: Saul de Carvalho Hurtado

Em conversa com outro feirante boliviano, vou chama-lo de W.W, achei interessante, pois o mesmo disse que esta aqui na cidade de Corumbá – MS desde os tempos da feira BrasBol, quando ainda era jovem, termo usado, “**pelau**”, e que agora sua situação se encontra melhor, pois já vive e trabalha no ramo já há quinze anos, hoje tem sua situação legalizada, com cnpj, que tem uma vantagem de 10% em suas compras em São Paulo, mas também prefere comprar as vezes aqui na Bolívia mesmo, pois a baixa do dólar ajuda, mesmo tendo seus riscos, porém, disse, “tem os seus ganhos”. Estes feirantes bolivianos atuam no mercado de “armarinho”, disse o feirante, que seria no ramo de eletrônicos entre outros acessórios para caixas de som.

Figura 5 - Feira do Bairro Dom Bosco



Fonte: Trabalho de campo Setembro de 2025. Autor: Saul de Carvalho Hurtado

Em outra ocasião, o feirante boliviano P.N. relatou que, embora existam representantes bolivianos cuja função seria oferecer apoio à comunidade, não há repasse de informações concretas acerca dos procedimentos para a regularização como Microempreendedor Individual (MEI). Segundo ele, a maioria dos feirantes já possui Cadastro de Pessoa Física (CPF), o que possibilitaria a contribuição tributária ao Estado brasileiro, bem como o acesso à previdência social. P.N. acrescentou ainda que reside no país há sete anos, tendo vivido anteriormente por cinco anos em outro estado, também em razão de atividades laborais.

Falou também sobre o desconforto, por conta de estar sempre montando as barracas, mas considera bom essa mobilidade de cada dia estar em lugar: ``prefiro estar cada dia em um lugar, pois cada lugar o publico é diferente, então posso lucrar muito mais``. Logo me explicou que tem uma feira aos sábados a noite, no bairro Maria Leite, que acontece de forma

irregular, ou seja, clandestina, mas que essa situação, há um certo tipo de consentimento pelos moradores da rua, um morador organizador, que organiza mediante os feirantes.

Outro entrevistado, a situação ocorre de forma diferente, o R.V, disse que já havia morado aqui e trabalhado, há dez anos, porém, foi pra Santa Cruz de La Sierra, e ficou por lá cinco anos, logo depois voltou. Agora tomando conta da barraca que é de sua irmã, pois a mesma está em Santa Cruz, onde é comerciante. Com sua tenda de ``abarote´´, que significa, barraca sortida de grãos, vende também outros produtos sortidos, dizendo que gosta de trabalhar ali, pois lhe proporciona autonomia. Embora tenha o calor, o montar e desmontar da barraca, mesmo assim, frequenta todas as feiras da semana.

A feira do bairro Universitário, que aumentou de tamanho, em número de barracas e quarteirões, é uma das mais importantes da cidade, acontece todas as quintas feiras e é bastante movimentada, conforme figura 6.

Figura 6. Feira do Bairro Universitário



Fonte: Trabalho de campo Setembro de 2025. Autor: Saul de Carvalho Hurtado

Nesta feira foi entrevistado uma feirante, N.V, a mesma disse que já trabalha há doze anos, mas que começou vendendo de casa em casa. Tendo atualmente se fixado nas feiras com sua barraca de acessórios e cosméticos. Ainda em dialogo com a mesma, me falou que apenas compensa trabalhar nos finais de semana, e que os lucros na verdade, são uma surpresa, pois

tem dias melhores durante o mês. Comentou também, sobre a situação dificultosa da montagem e desmontagem das barracas, porém citou a vantagem de cada dia ser uma clientela diferente, situação que às vezes se apresenta vantajosa. Explicou que antes, há um tempo atrás, havia um guarda municipal que fazia a segurança e agora não mais. A segurança é privada e é pago pela contribuição da Associação Boliviana. A aquisição de mercadorias é feita em São Paulo, tendo a taxa sobre os produtos, e se “virando” pra conseguir outros produtos por “debaixo do pano”.

A organização das feiras, embora apresente certa desordem, demonstra a existência de uma estrutura previamente estabelecida, na qual cada feirante possui um espaço determinado para os diferentes dias da semana, definido de acordo com a metragem paga, que seria de 3 a 9 metros. Contudo, observa-se que a prática nem sempre corresponde ao que está previsto formalmente, uma vez que há desigualdade na ocupação dos espaços. Os feirantes mais antigos ou aqueles que possuem maior poder aquisitivo, em geral, acabam ocupando áreas mais amplas dentro da feira, ainda que o valor pago pelas taxas seja equivalente ao dos demais. Tal situação evidencia uma discrepância na distribuição do espaço, resultando em uma forma de privilégio para aqueles que dispõem de maior quantidade de mercadorias ou recursos financeiros.

Outra feira de dimensões grandes na cidade é a feira que acontece todas as sextas-feiras na região central da cidade, na explanada da NOB. Tendo um destaque na cidade pelo seu número de barracas é uma feira tradicional e movimentada na cidade, conforme figura 7.

Figura 7 - Feira da Explanada da NOB - Centro



Fonte: Trabalho de campo Outubro de 2025. Autor: Saul de Carvalho Hurtado

Nesta feira entrevistamos a feirante C.J. que nos disse estar há mais de dez anos trabalhando nas feiras livres de Corumbá, nos diversos bairros durante a semana. Além de falar da situação dificultosa deste trabalho, também fala sobre os obstáculos com fiscalizações e tentativas de extorsão por parte de fiscais que fazem sobre os trabalhadores bolivianos nas feiras. Existem taxas que somente são cobradas dos feirantes bolivianos. Diz ainda que prefere ir geralmente todos os dias da semana, mas que sábado, na feira do bairro Nova Corumbá, já tem uma clientela fiel, e que quase todos os sábados seriam bons, conforme figura 8.

Figura 8 - Feira da Nova Corumbá



Fonte: Trabalho de campo Outubro de 2025. Autor: Saul de Carvalho Hurtado

Estas barreiras que se colocam frente aos feirantes bolivianos são as fronteiras que cotidianamente se fazem presentes na vida dos trabalhadores bolivianos, feirantes no Brasil.

As feiras livres do município ocorrem diariamente, distribuídas estrategicamente por diferentes bairros ao longo da semana. Às segundas-feiras, é realizada no bairro Cristo Redentor, na Rua Quinze de Novembro, esquina com a Rua Pernambuco. Nas terças-feiras, ocorre no bairro Popular Nova, na Rua José Fragelli, esquina com a Rua Dom Pedro II. Às quartas-feiras, acontece no bairro Dom Bosco, na Rua Cuiabá, cruzamento com a Rua Ciriaco de Toledo. Já às quintas-feiras, é promovida no bairro Maria Leite, situada na Rua Silva Jardim. Às sextas-feiras, a feira desloca-se para a região central, na Rua Sete de Setembro, esquina com a Rua Joaquim Venceslau. Aos sábados, a atividade ocorre na parte alta da

cidade, no bairro Nova Corumbá, na Rua Rio Grande do Norte, também com a Rua Ciriaco de Toledo. Por fim, aos domingos, realiza-se a feira central, localizada no centro da cidade, na Rua Treze de Junho, esquina com a Rua Ladário.

Essa distribuição territorial demonstra como o comércio ambulante e a economia popular estão integrados ao cotidiano urbano, garantindo não apenas a circulação de bens, mas também a manutenção de práticas culturais e sociais que reforçam a identidade fronteiriça e o caráter multicultural da cidade.

De acordo com informações fornecidas pelo fiscal responsável, a feira apresenta variação significativa no número de barracas ao longo da semana. De segunda a sexta-feira, o evento conta, em média, com aproximadamente 80 barracas em funcionamento. Aos sábados, esse número tende a aumentar, segundo os feirantes, alcançando entre 80 e 120 unidades. Já aos domingos, ocorre a feira central, localizada na Rua Treze de Junho, esquina com a Rua Ladário, considerada uma das maiores feiras livres do estado de Mato Grosso do Sul, pois a mesma pode reunir cerca de 250 barracas. Esse dia é apontado pela maioria dos feirantes como o de maior movimento e, conseqüentemente, de maior lucratividade, conforme figura 9 e 10.

Figura 9 - Feira de Domingo – Centro



Fonte: Trabalho de campo julho de 2025. Autor: Saul de Carvalho Hurtado

Figura 10 - Feira de Domingo vista de fora da mesma



Fonte: Trabalho de campo agosto de 2025. Autor: Saul de Carvalho Hurtado

Todas estas feiras que acontecem pela cidade ao longo dos dias da semana, são compostas por números diferenciados de barracas, dependendo do dia da semana e da localidade, como pode-se ver, mas em todas elas a maioria das barracas são de propriedade de bolivianos, eles são a maioria dos comerciantes nas feiras nas ruas em Corumbá-MS.

Ainda acontece no período noturno, aos sábados, no bairro Maria Leite, a feira livre, onde os bolivianos também encontram-se presentes, conforme figura 12.

Figura 11 - Feira de Sábado Noturna – Maria Leite - Montagem das barracas.



Fonte: Trabalho de campo agosto de 2025. Autor: Saul de Carvalho Hurtado

Além dos obstáculos e dificuldades já mencionadas pelos entrevistados anteriormente, um outro desafio recorrente aos bolivianos, está relacionado à manutenção dos estoques dentro da cidade de Corumbá-MS. Muitos feirantes não possuem locais adequados para armazenar seus produtos, recorrendo a espaços improvisados, alugados ou residências de familiares. Essa limitação acarreta riscos à conservação das mercadorias e aumenta a vulnerabilidade desses trabalhadores em eventuais fiscalizações.

A fiscalização municipal e alfandegária é percebida por parte dos feirantes como um dos principais mecanismos de controle e, em alguns casos, de perseguição simbólica. Embora reconheçam a necessidade de regularização, muitos relataram sentir-se intimidados durante as abordagens, especialmente em função da barreira linguística e do estigma de serem estrangeiros. Em determinadas situações, a fiscalização é percebida não apenas como um ato administrativo, mas como uma forma de exclusão social e territorial, evidenciando a fronteira invisível que separa o trabalhador migrante do comerciante local.

Essas experiências revelam que as fronteiras enfrentadas pelos feirantes bolivianos não se restringem ao espaço geográfico, mas se reproduzem em diferentes dimensões da vida cotidiana. A feira, portanto, se configura como um espaço de atravessamentos múltiplos, onde esses sujeitos constroem estratégias de resistência, adaptam-se às regras impostas e reafirmam sua presença no território corumbaense. Assim, o que inicialmente poderia ser compreendido como um simples limite entre países, transforma-se em um território de disputa, negociação e construção identitária, onde o trabalho e a convivência cotidiana reafirmam a força social e cultural dos migrantes bolivianos.

Os resultados obtidos por meio da pesquisa de campo revelam a complexidade das dinâmicas que envolvem o cotidiano dos feirantes bolivianos nas feiras livres de Corumbá (MS), cidade marcada pela condição fronteiriça entre Brasil e Bolívia. A análise dos dados permite compreender que, para além da fronteira geográfica que separa os dois países, os feirantes enfrentam diversas fronteiras simbólicas, sociais e econômicas, que influenciam diretamente suas práticas comerciais e relações de convivência no espaço urbano.

No aspecto econômico, uma das principais fronteiras percebidas está relacionada às dificuldades de aquisição e transporte de mercadorias, uma vez que muitos produtos são trazidos da Bolívia e estão sujeitos à cobrança de taxas alfandegárias e à variação cambial. Esse processo impõe custos adicionais e, frequentemente, limita o volume de produtos disponíveis para a venda, afetando diretamente a lucratividade.

Em termos sociais e culturais, observa-se que os feirantes bolivianos vivenciam fronteiras simbólicas que se manifestam nas relações cotidianas com outros comerciantes e com o público local. Apesar da integração cultural promovida pela feira, ainda são perceptíveis situações de preconceito, desconfiança ou diferenciação em virtude da nacionalidade e do idioma. A língua, por exemplo, representa simultaneamente um elo de pertencimento e uma barreira de comunicação, sendo uma fronteira identitária constantemente negociada no diálogo com clientes e autoridades locais.

No âmbito organizacional, emergem fronteiras de caráter interno, expressas na desigual distribuição dos espaços dentro da feira. Embora haja uma estrutura formal definida pela prefeitura, o estudo constatou que os feirantes com maior poder aquisitivo ou tempo de atuação ocupam áreas mais amplas, ainda que todos paguem taxas semelhantes. Essa

desigualdade reforça fronteiras de poder e privilégio, que repercutem na forma como o espaço é apropriado e vivido.

Por fim, é possível afirmar que a feira livre constitui, ao mesmo tempo, um espaço de trabalho, convivência e resistência. Nela, os feirantes transpassam diariamente diferentes tipos de fronteiras — geográficas, econômicas, sociais e culturais — reafirmando sua identidade e fortalecendo redes de solidariedade. Assim, o espaço fronteiriço deixa de ser apenas um limite físico e passa a ser compreendido como território de circulação, trocas e reconstrução de identidades, onde a experiência migrante se torna expressão viva da pluralidade cultural corumbaense.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de campo permitiu identificar que os feirantes bolivianos, ao desenvolverem suas atividades nas feiras livres de Corumbá, enfrentam um conjunto de fronteiras que ultrapassam o limite territorial entre Brasil e Bolívia. Essas fronteiras manifestam-se de forma múltipla — econômica, política, social e simbólica —, influenciando diretamente o modo como esses trabalhadores estruturam suas rotinas e garantem sua subsistência.

Os resultados apontam que, embora a fronteira física entre os dois países facilite a circulação de pessoas e mercadorias, persistem barreiras burocráticas e culturais que dificultam a plena integração desses sujeitos no espaço urbano e comercial corumbaense. A informalidade das atividades é uma característica marcante, funcionando tanto como estratégia de sobrevivência diante da falta de oportunidades formais quanto como reflexo da ausência de políticas públicas voltadas à inclusão socioeconômica dos imigrantes.

Constatou-se também que os feirantes bolivianos constroem redes de solidariedade e apoio mútuo, tanto entre conterrâneos quanto com a comunidade local, o que lhes permite resistir às adversidades e assegurar certa estabilidade financeira. Essas redes configuram-se como importantes mecanismos de inserção e manutenção no território fronteiriço, revelando a complexa dinâmica das relações sociais que se estabelecem nesse contexto.

Por fim, verifica-se que a experiência dos feirantes bolivianos em Corumbá reflete a realidade de uma fronteira viva, marcada por trocas culturais e econômicas intensas, mas também por desigualdades e exclusões. Compreender essas múltiplas fronteiras é essencial para a formulação de políticas que reconheçam o papel dos trabalhadores migrantes na economia local e promovam condições mais dignas de trabalho e convivência intercultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. de. *Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração e o espaço fronteiriço*. Fortaleza: UFC, 2008.

AMARAL, Margarida Maria Moura. *Fronteira e identidade: o lugar da diferença*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 10., 2013, Campinas. Anais [...]. Campinas: ANPEGE, 2013.

ARELLANO, Juan Manuel Sandoval. *Fronteras y migración en América Latina: espacios de integración y conflicto*. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2012.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, Maria Cristina Lanza de , Os bolivianos do lado de cá [livro eletrônico] : além do limite, a produção de fronteiras na cidade de Corumbá-MS / Maria Cristina Lanza de Barros. - Porto Alegre, RS : TotalBooks, 2022. -- (Coleção PPGG-UFGD)

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

COSTA, Eliane Aparecida da. *Fronteiriços de seus próprios patrícios: identidade e cultura entre bolivianos em Corumbá/MS*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2012.

Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/corumba.html>. Acesso em: 17/10/25.

Disponível em: https://www.citypopulation.de/en/bolivia/admin/santa_cruz/071402_puerto_quijarro/ Acesso em: 17/10/25.

Disponível em: <https://www.geodatos.net/coordenadas/bolivia> Acesso em 17/10/25.

ENVIRONMENTAL SYSTEMS RESEARCH INSTITUTE. *ArcGIS Data and Maps*. Redlands: ESRI, 2021. | 2. IBGE. *Base cartográfica contínua do Brasil, escala 1:250 000 - BC250*. Versão 2021. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/bases-cartograficas-continuas/15759-brasil.html?=&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: nov. 2025.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JESUS, Alex Dias de. *Redes da migração haitiana no Mato Grosso do Sul*. 2020. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2020.

MACHADO, Lia Osório. *Limites e fronteiras: da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade*. In: STROHAECKER, Tânia et al. (org.). *Fronteiras e espaço global*. Porto Alegre: AGB – Seção Porto Alegre, 2000. p. 9–24.

MEIHY, J. C.; HOLANDA, F. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2018.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SILVA, João Carlos Jarochinski. *Brasiguaios e cambas: identidade e trabalho na fronteira Brasil–Bolívia*. Dourados: Editora UFGD, 2011.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cezar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. _____. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.